

DA TELA PARA A ESCOLA: ANÁLISE DE FENÔMENOS SOCIOLINGÜÍSTICOS ORIUNDOS DE VARIAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA NO FILME *AI QUE VIDA*

FROM THE SCREEN TO SCHOOL: ANALYSIS OF SOCIOLINGUISTIC PHENOMENA ARISING FROM PHONETIC-PHONOLOGICAL VARIATION IN THE FILM AI QUE VIDA

Romília de Sá Feitosa ¹, **Dayane Pereira Barroso de Carvalho** ², **Maria da Guia Taveiro Silva** ³,
4^a Camila Rodrigues Viana

¹ Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Imperatriz, MA, Brasil
Orcid <https://orcid.org/0000-0001-7327-7623>
e-mail romilia.sa.feitosa@uemasul.edu.br

² Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Araguaína, TO, Brasil
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-7792-4514>
e-mail dayanepereirabr@gmail.com

³ Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), Imperatriz, MA, Brasil
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-6520-1845>
e-mail maria.silva@uemasul.edu.br

⁴ Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Imperatriz, MA, Brasil
Orcid <https://orcid.org/0000-0002-7849-7294>
e-mail camila.rodrigues@ufma.br

Recebido em 05.07.2026
Aceito em 04.08.2026

Resumo: Este estudo visa analisar os fenômenos sociolinguísticos de variação fonético-fonológica, no filme *Ai Que Vida!*, de Cícero Filho, destacando características linguísticas da fala dos personagens maranhenses e piauienses, interligadas à variação diastrática, bem como propor a prática cinematográfica como um recurso didático para o ensino do fenômeno da variação linguística no Ensino Médio. A relevância da pesquisa dá-se por propiciar ao aluno da Educação Básica uma reflexão contundente de que a discriminação linguística está associada não à fala em si, mas à classe social do falante. Nesse viés, utilizamos como base teórica os estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Duarte (2007), Bagno (2015), Silva (2017), Coelho *et al.* (2018), Freitag (2025) e outros. Como procedimentos metodológicos, usamos a abordagem qualitativa, com aplicação das pesquisas descritiva e documental. A extração do *corpus* da pesquisa foi realizada por meio do *software* ELAN, como também por meio da tabela de símbolos fonéticos de Silva (2017). Os resultados identificaram que os personagens possuem variantes socialmente estigmatizadas e que os fatores sociais, econômicos e educacionais inferem nos falantes. A pesquisa traça caminhos reflexivos de que nem sempre haverá uma relação exata dos fatores sociais com a presença das variáveis fonético-fonológicas. Logo, abordar questões linguísticas a partir de representações cinematográficas é uma possibilidade pedagógica para conduzir um ensino de língua portuguesa que rompe as barreiras das normas e potencializa estratégias que valorizem as práticas sociais, uma vez que a discriminação linguística está associada não à fala em si, mas à classe social do falante.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa. Variação fonético-fonológica. Variantes socialmente estigmatizadas. Filme *Ai Que Vida!*.

Abstract: This study aims to analyze the sociolinguistic phenomena of phonetic-phonological variation in the film "Ai Que Vida!" (Oh, What a Life!) by Cícero Filho, highlighting linguistic characteristics of the

speech of the characters from Maranhão and Piauí, interconnected with diastatic variation. It also proposes cinematographic practice as a teaching resource for the phenomenon of linguistic variation in high school. The relevance of this research lies in providing basic education students with a compelling reflection that linguistic discrimination is associated not with speech itself, but with the speaker's social class. In this context, we use as a theoretical basis the studies of Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Duarte (2007), Bagno (2015), Silva (2017), Coelho et al. (2018), Freitag (2025), and others. As methodological procedures, we use a qualitative approach, applying descriptive and documentary research. The corpus was extracted using ELAN software and Silva's (2017) phonetic symbol table. The results revealed that the characters possess socially stigmatized variants and that social, economic, and educational factors influence speakers. The research highlights the fact that there is not always an exact relationship between social factors and the presence of phonetic-phonological variables. Therefore, addressing linguistic issues through cinematic representations offers a pedagogical opportunity for teaching Portuguese that breaks down the barriers of norms and enhances strategies that value social practices, since linguistic discrimination is associated not with speech itself, but with the speaker's social class.

Keywords: Portuguese Language Teaching. Phonetic-phonological Variation. Socially Stigmatized Variants. Film *Oh, What a Life!*.

INTRODUÇÃO

É praticamente unânime, entre especialistas da educação, como Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Bagno (2015), Freitag (2025) e outros, o entendimento de que a escola é um espaço de heterogeneidade social, econômica e cultural. Essa compreensão tem mudado o rumo das práticas educacionais ao longo das últimas décadas. Mas nem sempre foi assim. Muitas crianças e adolescentes tiveram suas trajetórias escolares marcadas pelo preconceito linguístico, permeadas por lembranças ruins relacionadas aos constrangimentos que sofreram pela forma de falar.

Tal problemática advém de um ensino de Língua Portuguesa (LP) excludente, o qual se apresenta, inicialmente, nos materiais didáticos, que, muitas vezes, não contemplam o conteúdo *variação linguística* de forma satisfatória. Nesse contexto, para abordar o fenômeno da variação linguística na educação básica, muitos docentes recorrem a recursos diversificados, que nem sempre fazem parte daquilo que está posto no Livro Didático. Canções, *charges*, quadrinhos, anúncios, fachadas comerciais e até mesmo filmes somam essa gama de recursos incorporados ao ensino desse fenômeno e, muito comumente, apresentam resultados satisfatórios.

A escolha por esses recursos também tem apontado para uma maior representatividade de variedades que ainda são invisibilizadas no país, principalmente quando se trata da questão da variação diatópica e diastrática. Quando se pensa em

variação linguística de regiões distintas, por exemplo, põe-se um contraste entre os falares do Sul e Sudeste em relação aos falares de nortistas e nordestinos, como se o Norte e o Nordeste brasileiros fossem regiões homogêneas do ponto de vista linguístico e cultural. Mas não são. Portanto, é preciso que a representatividade linguística de estados como o Maranhão e Piauí, por vezes invisibilizados numa suposta fala nordestina, ganhe espaço nessa discussão e seja incorporada ao ensino desse fenômeno na educação básica desses estados e, por que não dizer, do país.

Essas inquietações nos fizeram levantar o seguinte questionamento: *de que maneira os fenômenos sociolinguísticos de variação fonético-fonológica, presentes no filme Ai Que Vida!, protagonizado por falantes nativos dos estados do Maranhão e Piauí, refletem aspectos sociais como grau de escolaridade e nível socioeconômico da língua em seu uso real e como isso pode ser utilizado como um recurso pedagógico no Ensino Médio?* Para responder a essa pergunta, delineamos o seguinte objetivo: analisar os fenômenos sociolinguísticos de variação fonético-fonológica, no filme *Ai Que Vida!*, de Cícero Filho, destacando características linguísticas da fala dos personagens maranhenses e piauienses, interligadas à variação diastrática, bem como propor a prática cinematográfica como um recurso didático para o ensino do fenômeno da variação linguística no Ensino Médio.

A escolha desta obra, filme *Ai Que Vida!*¹, de Cícero Filho, ocorreu em razão de ela ter feito parte não somente da minha infância, mas da infância de muitos maranhenses e piauienses que, como eu, também se identificaram/indentificam com as características sociais e, principalmente, linguísticas dos personagens. A relevância do nosso estudo, argumentamos, não se restringe aos limites dos estados do Maranhão e Piauí, mas se estende a todo o país, propondo-se como um material representativo da diversidade linguística de regiões nem sempre contempladas com materiais didáticos distribuídos em território nacional.

Além disso, nosso estudo apresenta relevância por propiciar ao aluno da Educação Básica uma reflexão contundente sobre variantes linguísticas, que

¹ A seleção desta obra também ocorreu em virtude do sucesso que ela ainda faz, por apresentar uma “certa ingenuidade popular [...]” (Amancio, 2012, p. 50), atrelada a temáticas relevantes como a corrupção política e a desigualdade social, além do viés linguístico abordado neste artigo. Logo, o filme é um excelente material pedagógico, imagético e sonoro para se trabalhar e discutir temas atuais em sala de aula.

funcionam como um indicador social, marcador social ou um estereótipo social, enfatizam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), ao dizerem que, de forma direta, a avaliação subjetiva é exatamente o julgamento ou a reação social que os ouvintes expressam em relação aos falantes com base na maneira como eles falam. Para os autores, a língua não deve ser estudada apenas mapeando como as pessoas produzem os sons e as frases (o comportamento linguístico), mas também investigando como a comunidade de fala reage e avalia essas diferentes formas de falar.

O aporte teórico deste artigo foi desenvolvido com base nos estudos de Seara, Nunes e Lazzarato (2011) e Silva (2017), que trazem contribuições importantes sobre fonética e fonologia; Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Coelho *et al.* (2018), Sanches e Gonçalves (2019) e Freitag (2025), tratam sobre a variação linguística, englobando as variáveis fonológicas investigadas, como também os fatores *grau de escolaridade* e *nível socioeconômico* (variação social); referente à discussão sobre cinema e escola, utilizamos Duarte (2007) e Farias (2023), entre outros; por fim, em relação ao ensino de LP, utilizamos as obras de Bortoni-Ricardo (2004, 2021) e Bagno (2015), que falam especificamente sobre a Sociolinguística na Educação Básica, destacando, sobretudo, o preconceito linguístico. Utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa, cuja finalidade é a descrição de aspectos sociolinguísticos, além de utilizarmos o *software* ELAN para a escuta e transcrição ortográfica da fala dos personagens, como também a tabela de símbolos fonéticos de Silva (2017).

Estruturamos nosso artigo da seguinte forma: *introdução*, seção na qual, apresentamos a questão problema, o objetivo, os principais referenciais teóricos e um breve desenho metodológico; seção *Variação linguística, Cinema e Ensino*, em que realizamos um apanhado geral sobre a variação linguística, preconceito linguístico e outros tópicos; *metodologia*, momento em que explicitamos de forma mais detalhada o passo a passo da execução deste estudo; *resultados e análise dos dados*, seção na qual abordamos as análises das falas dos personagens, com a identificação, associação e discussão dos fenômenos sociolinguísticos propostos; e *considerações finais*, em que enfatizamos as principais considerações acerca das análises realizadas.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, CINEMA E ENSINO

Os estudos referentes ao fenômeno da variação linguística em línguas naturais se tornaram um consenso entre especialistas da Linguística. Os dados produzidos se mostram robustos o suficiente para que esse conteúdo seja recomendado, inclusive, nas diretrizes para a Educação Básica brasileira, conforme podemos verificar tanto na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), quanto no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD (Brasil, 2020) e até mesmo nos documentos curriculares dos estados brasileiros, como o Documento Curricular do Território Maranhense – DCTMA (Maranhão, 2019).

Nesse sentido, a subárea da Linguística que se interessa pelo estudo do fenômeno da variação linguística é a Sociolinguística, cuja prioridade é investigar os fenômenos de variação linguística, atrelados aos fatores externos e internos à língua (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Logo, a variação linguística pode ser entendida como as diferentes formas linguísticas existentes para um mesmo referente, ou qualquer mudança que ocorre na língua, ocasionada por condicionadores externos e internos.

Freitag (2025, p. 14) enfatiza que “a variação ocorre em todos os níveis, desde o nível lexical – como ‘aipim’ ~ ‘macaxeira’ ~ ‘mandioca’ [...] – e o fonológico – como no caso de ‘porta’, em que a diferença é notada e associada a um sotaque [...]”, bem como “[...] até o nível sintático – como em ‘Eu fiz isso ontem’ ~ ‘Fiz isso ontem’, em que a diferença no preenchimento do sujeito pronominal dificilmente é notada”. No que concerne aos níveis, ou às dimensões, as variáveis podem ser fonético-fonológica, morfológica, sintática, lexical, semântica, entre outras (Coelho *et al.*, 2018). Além das variáveis, esse fenômeno pode ser classificado de diferentes maneiras, sendo elas: variação diatópica, diastrática, diafásica, diacrônica e diamésica (Bortoni-Ricardo, 2004).

No caso do Brasil, mesmo que as diretrizes para a educação básica recomendem o ensino do fenômeno da variação linguística, como a habilidade “EM13LP10” da BNCC, que ressalta que o estudante deve saber “[...] analisar o fenômeno da variação linguística [...]”, a fim de “[...] ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua e sobre o fenômeno da constituição de variedades

linguísticas de prestígio e estigmatizadas [...]”, além de respeitar e legitimar todos os falares, rompendo com os ideais da discriminação linguística (Brasil, 2018, p. 508), ainda é possível perceber a existência de uma ideologia de língua homogênea, invariável, estática, a qual pauta o ensino de língua à gramática normativa da LP.

As práticas educacionais em muitas instituições de ensino insistem em relacionar as variantes linguísticas oriundas das camadas populares a uma língua considerada *feia* ou *errada*, enquanto as variantes linguísticas advindas de grupos econômicos mais privilegiados são postas como corretas e aderidas por todos os falantes do Português Brasileiro (PB) (Bortoni-Ricardo, 2021). Quando se fala em variantes com prestígio social, salienta a autora, é fundamental pensar os conceitos de norma culta, padrão e sobre gramática normativa. Por norma culta compreendem-se as formas linguísticas mais próximas a um ideal de língua, enquanto a norma-padrão é um ideal de língua, um modelo a ser seguido, o *correto*, consoante aos gramáticos, ao passo que a gramática normativa é a descrição da norma-padrão (Bortoni-Ricardo, 2004, 2021), ensinada e valorizada nas/pelas instituições de ensino. Tais percepções são geradoras de preconceito linguístico, problemática recorrente nas escolas.

Em relação a essa última questão, Bagno (2015, p. 38, grifo do autor) define preconceito linguístico como uma “[...] crença de que só existe [...] *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários”. Exemplo disso é um estudo realizado em Imperatriz/MA, recentemente publicado pela revista *Confluência*, que demonstra os prejuízos causados por aquilo que Bagno denomina como preconceito linguístico. Santana e Carvalho (2024) descrevem como práticas de constrangimento linguístico no ambiente de ensino retraem os alunos e prejudicam sua participação e aprendizagem em sala de aula.

Nesse sentido, devemos nos atentar para três aspectos relacionados à valorização da língua socialmente legitimada, a saber: a gramática normativa está ligada à ideologia de língua como uma maneira de distinguir classes sociais; a língua é utilizada como uma ferramenta de “[...] manipulação do outro, de controle, de intimidação, de opressão, de emudecimento”; além disso, a linguagem pode ser utilizada para “[...] ocultar o saber, reservá-lo a uns poucos para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso” (Bagno, 2015, p. 121). Com base nisso, é possível

afirmar que um ensino prescritivo de língua materna, na verdade, existe como uma forma de dominação, cuja finalidade é a exclusão dos falares das classes menos abastadas.

Ao tratarmos da variação linguística de diferentes grupos sociais, culturais e econômicos, recorreremos ao conceito de variação social ou diastrática, que está relacionado aos condicionadores externos da língua, os quais, conforme Coelho *et al.* (2018, p. 40), evidenciam “[...] as características sociais dos falantes [...]” e têm como dimensões sociais “o grau de escolaridade”, “o nível socioeconômico”, o “gênero/sexo”, a “faixa etária” e outras. Tais dimensões sociais associam-se aos níveis da língua – fonético-fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico – que configuram a identidade linguística do falante, além de definir, principalmente, a sua classe socioeconômica.

Essa variação social é percebida e processada pelos falantes, permitindo que uma pessoa seja identificada pela forma como ela fala. Para Freitag (2025), há uma categorização para os falares, os quais determinam, por exemplo, a classe socioeconômica e o nível de escolaridade do falante. Nesse sentido, a língua recebe *estereótipos*, consoante as variantes utilizadas pelos seus usuários; consequentemente, “o modo como falamos dá pistas da nossa indexação social e influencia como somos percebidos pelos demais” (Freitag, 2025, p. 21).

Vale enfatizar que essa categorização pode ser positiva ou negativa. Freitag (2025) salienta que ela serve como um elemento de heteroidentificação de grupos, associando formas linguísticas não próximas às variantes de prestígio a pessoas marginalizadas e sem escolarização. Ainda sobre os condicionadores externos que categorizam a língua tratados neste estudo, Bortoni-Ricardo (2004, p. 48) diz que o “*status* socioeconômico” indica a renda dos falantes, o total de bens que possuem, enquanto o “grau de escolarização” relaciona-se ao nível de ensino que o falante tem ou teve.

Semelhante ao que Bortoni-Ricardo diz, Coelho *et al.* (2018, p. 41) afirmam ser possível constatar por meio da classe socioeconômica que “[...] o grupo social menos privilegiado favorece o uso de variantes não padrão, enquanto os mais privilegiados optam pela variante padrão”. Concernente ao nível de escolaridade, os autores explicitam que os falantes das classes mais abastadas, por terem contato com a

cultura elitizada legitimada pelas escolas, utilizam com menos frequência variantes não cultas da língua.

Diante disso, para podermos compreender a relação dos fatores grau de escolaridade e nível socioeconômico ligados às variáveis fonético-fonológicas investigadas neste artigo, fazemos, a seguir, uma breve explicação sobre o conceito e a diferença entre fonética e fonologia, assim como das variáveis explicitadas nesta pesquisa. A variação fonético-fonológica, chamada por Coelho *et al.* (2018) de variação fonológica, trata-se de uma mudança na língua que ocorre nos fones, sons das palavras, peculiaridade responsável por gerar variantes para uma variedade.

Silva (2017) também propõe definições para Fonética e Fonologia, duas áreas distintas, mas bastante imbricadas. Para a estudiosa, a fonética é a “ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala”, compreendendo tanto o estudo da fala do ponto de vista fisiológico e articulatório quanto o estudo da percepção da fala, transmissão dos sons entre falante e ouvinte, bem como propriedades físicas da fala (Silva, 2017, p. 23). E a Fonologia, também denominada como Fonêmica, é o estudo da “organização dos sons da fala em um sistema” (Seara; Nunes, Lazzarotto, 2011, p. 70), o qual se ocupa em estudar o fonema, a menor unidade sonora de uma língua, que não apresenta sentido, porém é capaz de mudar o significado de uma forma linguística. Neste estudo, optamos pela utilização do termo variação fonético-fonológica, por entendermos que delimitar com precisão onde termina uma e começa a outra pode não ser uma tarefa simples.

Na sequência do que foi exposto, Bortoni-Ricardo (2004, p. 79) diz que “[...] as regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica na sílaba”; nesse caso, “a sílaba é uma emissão de voz marcada por um ápice de abrimento articulatório e tensão muscular [...]”. Isso posto, entende-se que toda e qualquer sílaba tem como núcleo uma vogal; logo, não existe sílaba sem vogal. A autora ainda enfatiza que é o “travamento na sílaba”, vogal acompanhada por consoantes, que ocasiona parcela significativa das variações em uma língua, principalmente a fonético-fonológica.

A percepção social desses sons pode levar os falantes a categorizar essas variantes de diferentes maneiras, e isso vai depender da “relevância cultural e do contexto” em que essas variantes ocorrem (Freitag, 2025, p. 54). Os fenômenos de

variação fonético-fonológica são inúmeros. Em nosso estudo, interessamo-nos por descrever ocorrências de despalatização, síncope, desnasalização e rotacismo, variáveis mencionadas por Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Coelho *et al.* (2018) e outros. Cabe ressaltar que, para a identificação desses fenômenos sociolinguísticos, realizamos uma transcrição fonética ampla, “feita entre colchetes: []”, destacando somente “os aspectos mais gerais dos segmentos” (Seara; Nunes; Lazzarotto, 2011, p. 61). Esse modelo nos permitiu uma melhor visualização das ocorrências das variáveis fonético-fonológicas analisadas.

A despalatização seguida de iotacismo é descrita por Coelho *et al.* (2018, p. 25) como a “perda da palatização (<lh> passa para <l>: palha > palia)” com a “evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: palia > paia”. A respeito disso, Bortoni-Ricardo (2021) salienta que a despalatização acompanhada de iotacismo é comum de aparecer em falares rurbanos, configurando-se como o que Labov chama de estereótipo, traços linguísticos que tendem a desaparecer em razão da forte estigmatização (Labov, 1972a, p. 180 *apud* Bortoni-Ricardo, 2021).

No que concerne à síncope, Coelho *et al.* (2018, p. 26) a definem como a exclusão, retirada de um som do interior da palavra, a exemplo dos vocábulos “relâmpago (por relampo), fósforo (por fosfro), abóbora (por abroba), árvore (por arve), fígado (por figo), etc.”. Outro fenômeno abordado é a desnasalização, definida por Bortoni-Ricardo (2004, p. 98) como uma variação comum de ocorrer em “ditongos nasais e átonos finais”, a exemplo de “virgem/virge” e “homem/homi”. Em contrapartida, o rotacismo, segundo Coelho *et al.* (2018, p. 26), acontece quando há a troca da consoante *L* por *R* em palavras como “planta, bicicleta e flamengo” (“pranta, bicicreta e framengo”) e outras. Sanches e Gonçalves (2019, p. 128) ressaltam que “[...] a prática do rotacismo pode ocorrer em três contextos silábicos: em coda medial, como em alface > arface, sal > sar, e em grupos consonantais, globo > grobo”.

O ensino desses fenômenos é recomendado pela BNCC, conforme mencionamos anteriormente, e é nesse sentido que propomos a utilização do filme *Ai Que Vida!*, de Cícero Filho, como um instrumento pedagógico para o ensino do fenômeno da variação linguística nos últimos anos da Educação Básica. Acreditamos que essa obra apresenta variantes estigmatizadas e prestigiadas presentes no PB,

particularmente porque os personagens são protagonizados por falantes nativos dos estados do Maranhão e Piauí.

A respeito do uso de obras cinematográficas para o ensino do fenômeno da variação linguística, particularmente do filme *Ai Que Vida!*, Farias (2023, p. 76) elenca a riqueza cultural presente nessa obra cinematográfica, ao destacar que “[...] o filme oferece uma representação das variações linguísticas nordestinas, permitindo ao público [...] atentar para questões que reforçam estigmas linguísticos”, geradores de preconceito linguístico. No caso desta pesquisa, os elementos reconhecíveis estão ligados aos aspectos linguísticos do estudante, que podem estar presentes na fala dos personagens do filme *Ai Que Vida!*, fazendo-o refletir sobre a sua própria língua.

Acreditamos, portanto, que a inserção do cinema na escola configura-se como um recurso de ensino eficiente para se trabalhar qualquer conteúdo na sala de aula, visto que traz uma carga significativa da história e cultura de um povo, incluindo os aspectos linguísticos (Duarte, 2007). Além disso, a linguagem cinematográfica “[...] transmite ao espectador uma relação entre o espetáculo, ou a sequência de imagens e a representação do real”, logo, vincula-se a “[...] todos os sentidos [e] a outros sistemas de significações, que são culturais, sociais, perceptivos, estilísticos” (Colombo, 2012, p. 50), o que pode ocasionar interferências na percepção dos alunos em relação à fala dos personagens.

3 METODOLOGIA

Neste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa por entendermos que a pesquisa qualitativa busca fazer uma análise mais aprofundada do objeto de estudo, cuja ênfase é no comportamento social de um indivíduo ou de um grupo (Mascarenhas, 2018). Assim, acreditamos que esse tipo de abordagem é o adequado para um estudo que visa à identificação e análise de variáveis fonético-fonológicas e traços de variação diastrática, ao elencar, sobretudo, as marcas linguísticas associadas às diferentes classes sociais representadas na obra cinematográfica escolhida.

Nossa investigação concentra-se na compreensão sobre como a linguagem pode ser utilizada para construir marcadores sociais distintos, ainda que se trate de

falantes de uma mesma localidade, como os falantes personagens do filme analisado. Optamos, portanto, por realizar uma análise do alofone, quer dizer, uma análise da variação fonético-fonológica de um mesmo fonema (Silva, 2017), além de refletirmos como essas variações podem ser exploradas em sala de aula como ferramenta didática para o ensino do fenômeno da variação linguística no PB.

Em nossa análise, atentamo-nos aos fenômenos sociolinguísticos oriundos da variação fonético-fonológica, como: despalatização seguida de iotacismo, síncope, desnasalização e rotacismo, ressaltados por Coelho *et al.* (2018) e outros, cujas definições estão disponibilizadas em nossa fundamentação teórica. Relacionamos tais fenômenos à variação social, precisamente, aos fatores grau de escolaridade e nível socioeconômico, por exemplo, a quantidade de variantes próximas ou não à língua padrão, presentes nos falares selecionados, mesmo em contextos formais de comunicação, indicando, assim, a escolaridade e a profissão dos personagens; a classe social foi analisada pelos aspectos citados anteriormente.

Aplicamos também a pesquisa descritiva, que busca descrever as variáveis de um fenômeno, visando à compreensão da relação entre elas (Oliveira, 2021). Além disso, nossa pesquisa se caracteriza como documental, visto que os dados analisados são extraídos exclusivamente “das fontes, uma vez que se utiliza artefatos documentais”, como os “elementos iconográficos” formados por “fotografias, filmes, sinais, grafismos, imagens, mapas”, ou “evidências físicas” ao se referir a “monumentos, pinturas antigas, artefatos”, além de “documentos” como “diários oficiais, atas, jornais, revistas, obras literárias”, entre outros (Perovano, 2016, p. 189-190), sendo o filme analisado neste estudo um exemplo de elemento iconográfico.

Nosso *corpus* de análise é constituído de trechos das falas de personagens do filme *Ai Que Vida*, de Cícero Filho, lançado em 2008. As falas escolhidas para análise referem-se aos seguintes trechos e personagens do filme, destacados no quadro a seguir:

Quadro 1 - Recortes do longa-metragem *Ai que vida* analisados neste estudo

PERSONAGENS	RECORTE	INÍCIO	FIM
Trecho 1: Zé leitão	Cena do Discurso Político	9min44seg	10min56seg
Trecho 2: Jerod, Charlene e Mona	Cena da Conversa no Comício do Zé Leitão	12min30seg	13min53seg

Trecho 3: Rosa	Cena da Conversa da Diretora da Casa de Taipa com Valdir e Romeu	36min23seg	37min30seg
----------------	--	------------	------------

Fonte: Pesquisadoras (2025)

Os personagens e os trechos selecionados foram escolhidos por apresentarem falares marcados por variantes estigmatizadas, bem como aquelas associadas ao prestígio social. Para fins analíticos, os dados foram organizados e categorizados de acordo com dois critérios: 1) tipo de variante linguística evidenciada nos trechos, destacando variantes estigmatizadas e variantes mais próximas ao ideal linguístico, variedade linguística abstrata e idealizada que se baseia nas regras da gramática normativa; e 2) perfil sociolinguístico dos personagens, agrupando-os em personagens com nível socioeconômico e grau de escolaridade elevados e personagens com nível socioeconômico e grau de escolaridade baixos.

Além disso, separamos os personagens por grupos, em dois quadros, que indicam a porcentagem de variantes estigmatizadas localizadas nas falas da amostra deste estudo. No Quadro 7, comparamos a porcentagem de Zé Leitão e Dona Rosa, personagens que apresentam a mesma quantidade de falas (9) distribuídas em linhas; no Quadro 8, a comparação foi realizada entre Charlene, Jarod e Mona, cada um com três linhas de conversação.

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos dois tipos de transcrição: 1) transcrição da fala dos personagens; 2) transcrição fonética. No primeiro tipo de transcrição, usamos o *software* ELAN, versão 6.9 (2024), “utilizado para transcrever/anotar gravações de áudio e vídeo[...]” (Sousa; Souza, 2022, p. 1180), o qual, segundo os autores, permite uma transcrição mais acurada dos dados, em virtude das ferramentas que o programa apresenta, como a de pausar a gravação, acelerar ou diminuir a velocidade, entre outras.

O passo a passo da utilização do *software* ocorreu da seguinte forma: 1. Inserção do áudio no ELAN, ao clicar na aba *Arquivo* e em *Novo*; 2. Criação de *tipos de trilhas* para cada personagem do Quadro 1, com a elaboração de *trilhas* concernentes aos recortes; 3. Segmentação dos áudios, na aba *Opção* e em *Modo de Transcrição*, segmentando-os com o comando da tecla *Enter*; 4. Após a segmentação dos áudios, na aba *Opção*, clicamos em *Modo de Transcrição*, permitindo fazer as transcrições

das falas com exatidão acústica; 5. Finalmente, salvamos o documento transcrito em *Word*, aba *Arquivo* no comando *Exportar como Texto Interlinear*.

Em relação à transcrição fonética das falas dos personagens do filme, utilizamos a tabela de símbolos fonéticos, de Silva (2017), presente na obra *Fonética e fonologia da língua portuguesa: roteiro de estudos e guia de exercícios*, bem como o modelo de descrição dos segmentos vocálicos, adotados pela Associação Internacional de Fonética para transcrição de sons vocálicos, disponibilizadas na mesma obra.

4 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Os personagens selecionados para o nosso estudo apresentam características sociais que condizem com as variáveis fonético-fonológicas investigadas neste artigo. Diante disso, com intuito de auxiliar na compreensão da análise adiante, traçamos um perfil social para cada um deles, a citar: Zé Leitão (Feliciano Popô), prefeito da cidade fictícia de Poço Fundo, símbolo da corrupção, da desonestidade, influenciado e guiado pela vereadora Chica do Pote, representa um homem que advém da classe popular, mas ascendeu economicamente devido ao cargo que ocupa; Charlene (Iriscele Queiroz) é uma dançarina, noiva de Jerod, moça educada, gentil, de bom coração, porém sem recursos financeiros, retrata com fidedignidade a jovem de classe popular, sonhadora, batalhadora, que mesmo com as adversidades luta por um futuro melhor.

Jerod (Wellington Alencar), nessa sequência, noivo de Charlene, rapaz ríspido, controlador, simboliza o homem das classes mais favorecidas economicamente, bem-vestido, com carro do ano; Mona (Sara Castro), amiga de Charlene, é uma figura cômica, uma mulher independente, bem-humorada, advinda das camadas populares; e Dona Rosa (Solange Nolleto), diretora da Casa de Taipa, uma instituição de caridade para crianças abandonadas, sempre gentil, educada e organizada, corresponde a mulher que advém de classe desfavorecida, que conseguiu mudar de vida por meio dos estudos. O Diálogo do Trecho 1, disponibilizado pelo *link*, formato PDF, no Quadro 2, traz exemplos de variantes estigmatizadas e de suas respectivas variáveis, na fala do personagem Zé Leitão:

Quadro 2 – Diálogo do Trecho 1 – Cena do Discurso Político

[Diálogo do Trecho 1 – Cena do Discurso Político \(1\).pdf](#)

Fonte: Pesquisadoras (2025)

A fala do prefeito Zé Leitão, Quadro 2, evidencia diversas variantes desprestigiadas, sendo o único personagem, nesse caso, a apresentar todas as variáveis investigadas nesta pesquisa, a citar: a despalatização seguida de iotacismo, síncope, rotacismo e desnasalização, entre outras não abarcadas por este estudo, como o verbo botar → butá [bu'ta] e prometo → premeto [pre'metu], no primeiro ocorreu a substituição da vogal aberta [ɔ] pela vogal [u], no segundo existe uma troca da vogal aberta [ɔ] pela [ẽ], configurando-se como *alçamento da vogal pré-tônica*, especificamente, trata-se de *alteamento vocálico sem motivação aparente e de alteamento por harmonização vocálica*, fenômeno fonético-fonológico comum de ocorrer no PB, não se caracterizando, na maioria das vezes, como uma variante estigmatizada, a exemplo de boneca → buneca, moleque → muleque e outras formas linguísticas.

As variantes sem prestígio social *pru* ['pru], *mãa* ['mãe], *zorde* ['zɔɾdʒi], *funerá* [funɛ'ra], *ôto* ['otu], classificam-se como variantes estigmatizadas com a presença da variável síncope. Em *pru*, aconteceu a combinação e contração da preposição *para* mais o artigo *o*, que tem o som de [u]. Diante disso, o processo de formação acontece da seguinte forma: *para* + *o* = *pro*, com o alçamento da vogal pré-tônica [ɔ] pelo segmento sonoro [u]. Referente à forma *mãa* → *minha*, acontece o mesmo processo explicitado anteriormente, perda do som palatal [ɲ] representada pelo dígrafo *nh*. Tais fenômenos sociolinguísticos podem ser visualizados no Quadro 3, a seguir:

Quadro 3 – Trecho 1: Cena do Discurso Político

PERSONAGEM	VARIANTES ESTIGMATIZADAS	VARIÁVEIS FONOLÓGICAS
Zé Leitão (prefeito de Poço Fundo)	Pru ['pru], trabaio [tra'bajw], mã [mãe], mensage [mẽ'saʒi], premeto [prẽ'metu], zorde ['zɔɾdʒi], véia ['veje], funerá [funɛ'ra], butá [bu'ta], rá	Despalatização seguida de iotacismo, síncope, rotacismo e desnasalização.

	[ʁɑ], runta ['ʁũtɐ], ôto ['otʊ], trabaiaá [traba'ja], família [fa'miɐ].	
--	---	--

Fonte: Pesquisadoras (2025)

Na palavra ordem ['ɔbdẽj] → *zorde* ['zɔbdʒi], presente no Quadro 3, por exemplo, há supressão sonora da semivogal do ditongo nasal [ẽj], além do acréscimo da consoante fricativa palatal [ʒ]; acontece, também, a redução da palavra funerária → *funerá* [funɐ'ra], com a exclusão do segmento sonoro [ria]; por fim, na variante *outro*, o [u] foi suprimido, ficando *ôto* ['otʊ], caracterizando-se como síncope. Já as variantes da palavra trabalho → *trabaio* [tra'baɪw] e *trabaiá* [traba'ja], assim como *velha* → *véia* ['vɛjɐ] e *família* → *famía* [fa'miɐ], decorrem de despalatização seguida de iotacismo, fenômeno fonético-fonológico ocasionado pela perda do dígrafo *lh* [ʎ] mais a presença de uma vogal ou semivogal.

Na palavra mensagem → *mensagem* [mẽ'saʒi], verifica-se a ocorrência de desnasalização na última sílaba, uma intercorrência frequente no PB, mas que recebe um forte estigma. Tal fenômeno fonético-fonológico acontece também em palavras como *virgem* → *virgi*, *pajem* → *paji*, *paisagem* → *paisagi*, etc. Além disso, as palavras *já* → *rá* [ʁɑ] e *junta* → *runta* ['ʁũtɐ] são exemplos de rotacismo, que acontece com a consoante fricativa sonora [ʁ], ocorrente no monossílabo *já* e na primeira sílaba da palavra *junta*.

O rotacismo é um fenômeno fonético que ocorre, conforme Oushiro e Mendes (2011), com frequência na fala de pessoas com baixa escolarização, mas também pode acontecer na fala de falantes dos grandes centros urbanos, que constantemente têm acesso à cultura letrada, como, por exemplo, com a palavra *mais*, pronunciada como *mar* ['maʁ], na qual se troca o [s] pelo [ʁ]. Contudo, quando se refere ao rotacismo, troca do l pelo r, é comumente encontrado na fala de falantes da zona rural ou oriundos do campo, afirmam Sanches e Gonçalves (2019) e Coelho *et al.* (2018). O próximo Diálogo, disponível no *link* presente no Quadro 4, em formato PDF, Trecho 2, *Cena da Conversa no Comício do Zé Leitão*, entre Charlene, Jerod e Mona, evidencia algumas variáveis investigadas neste artigo e suas respectivas variantes:

Quadro 4 – Diálogo do Trecho 2: Cena da Conversa no Comício do Zé Leitão

[Diálogo do Trecho 2 Cena da Conversa no Comício do Zé Leitão.pdf](#)

Fonte: Pesquisadoras (2025)

O Diálogo do Trecho 2, Quadro 4, assim como o Quadro 5, a seguir, denota a não ocorrência de variantes desprestigiadas nas falas dos personagens Jerod e Charlene. É evidente no diálogo que há algumas variantes não próximas à variedade socialmente prestigiada, como as palavras *bestera* e *vamo* (besteira e vamos), na fala de Charlene, ou o *vamo* (vamos), no falar do Jerod, mas que não são estigmatizadas socialmente, pois, comumente, palavras com monotongação, alçamento da vogal pré-tônica e algumas nas quais o [s] é suprimido são frequentemente pronunciadas por falantes de todas as classes e níveis de escolaridade. Abaixo, no Quadro 5, apresentamos variantes estigmatizadas na fala da personagem Mona:

Quadro 5 – Trecho 2: Cena da Conversa no Comício do Zé Leitão

PERSONAGENS	VARIANTES ESTIGMATIZADAS	VARIÁVEIS FONOLÓGICAS
Jerod	Sem variantes estigmatizadas	Sem variáveis
Charlene	Sem variantes estigmatizadas	Sem variáveis
Mona	Benqui [bẽ'ki], corona [kõ'rene], ônibu ['õnibu], dento ['dẽtu].	Síncope

Fonte: Pesquisadoras (2025)

Como demonstrado no Quadro 5, não foram identificadas formas linguísticas não cultas e variáveis nos falares dos personagens Jerod e Charlene. Inversamente, Mona apresenta na sua fala as variantes *Benqui* [bẽ'ki], *ônibu* ['õnibu], *dento* ['dẽtu], pertencentes às variantes privilegiadas *bem aqui*, *ônibus* e *dentro*, exemplos clássicos de síncope, supressão, redução de uma palavra mediante a retirada de um segmento sonoro.

Na variante *benqui* [bẽ'ki], existe uma combinação e contração das palavras bem + aqui, com a perda do som da vogal aberta posterior [a]; em *ônibus* → *ônibu* ['õnibu], ocorreu a exclusão do [s], assim como em *dentro* → *dento* ['dẽtu], houve a retirada da

consoante alveolar [r]. Além disso, semelhante ao que acontece em *ônibus* → *ônibu* ['õnibu], o [ʊ] final da variante *dento* ['dẽtu] apresenta um som fechado. A síncope, supressão de segmentos sonoros no interior das palavras, variável destacada nas variantes localizadas na fala da amiga de Charlene, acontece em virtude de os falantes do PB, sobretudo os que não dominam as variantes das classes mais abastadas, sentirem facilidade em pronunciar algumas palavras mediante a supressão.

Ademais, a palavra *carona* é pronunciada por Mona como *corona* [ko'rene], caracterizando-se como alçamento da vogal pré-tônica, fenômeno fonético-fonológico não investigado neste artigo, mas interessante de se ressaltar, por ser uma variante pouco utilizada, até mesmo por falantes das camadas populares, que tendem a apresentar baixo nível de escolaridade. O Quadro 6 apresenta o Diálogo do Trecho 3, disponível no *link*, em formato PDF, Cena da Conversa da Diretora da Casa de Taipa com Valdir e Romeu:

Quadro 6 – Diálogo do Trecho 3: Cena da Conversa da Diretora da Casa de Taipa com Valdir e Romeu

[Diálogo do Trecho 3 Cena da Conversa da Diretora da Casa de Taipa com Valdir e Romeu.pdf](#)

Fonte: Pesquisadoras (2025)

Semelhante ao que aconteceu com Jerod e Charlene, no Diálogo do Trecho 2, Quadro 5, o Diálogo do Trecho 3, Quadro 6, que aborda a fala da Diretora da Casa de Taipa, não apresenta variantes desprestigiadas nos falares de Dona Rosa, somente variantes pronunciadas corriqueiramente por usuários da língua pertencentes às variadas camadas sociais existentes, como: *Isperamos* [ispe'rẽmus] ao invés de *esperamos*, *tempo* ['tẽpu], *todo* ['todu] e outras, com o [o] final pronunciado como [ʊ] fechado, fenômeno fonético-fonológico habitual no PB, conhecido como alteamento das vogais médias pretônicas, rotulado na Sociolinguística como um marcador; contudo, salienta Guerreiro (2023), pode também funcionar como um marcador e estereótipo, que está relacionado, por exemplo, a testes de avaliação subjetiva e insegurança linguística.

É perceptível, dessa forma, que a diretora da Casa de Taipa, como também Charlene e Jerod, dominam a variedade culta, significando, assim, que as três *personas* fictícias do filme possuem um grau de escolaridade elevado e/ou pertencem às classes mais abastadas. Em vista disso, para estabelecermos a relação de palavras estigmatizadas identificadas na fala de cada personagem com as variáveis escolaridade e classe social, utilizamos a seguinte fórmula: *Número Total de Variantes Estigmatizadas Encontradas na Fala do Personagem (NTVEEFP) ÷ Número Total de Variantes Estigmatizadas Encontradas nos Diálogos Comparados (NTVEEDC) x 100*.

Para fazer as comparações entre os personagens, referentes às variáveis grau de escolaridade e nível socioeconômico, separamos-os em dois grupos, dispostos nos Quadros a seguir, 7 e 8, classificando-os pela quantidade de falas distribuídas em linhas. A quantidade de linhas é suficiente para traçar o perfil dos personagens selecionados, visto que, no decorrer do filme, observamos que as formas de falar continuavam semelhantes ao recorte feito. Nesse caso, os personagens com indicativa de formas linguísticas cultas permaneceram com uma variedade culta, em significativa parcela das cenas, como também os que apresentaram variantes não cultas, socialmente estigmatizadas, apresentaram uma variedade não culta no desenrolar do filme. Posto isso, o *corpus* selecionado funcionou como uma amostra para a análise.

No Quadro 7, são apresentadas as porcentagens de variantes estigmatizadas identificadas no falar dos personagens Zé Leitão e Dona Rosa:

Quadro 7 – Porcentagem de variantes estigmatizadas na fala de Zé Leitão e Dona Rosa

PERSONAGEM	TOTAL DE FALAS DISTRIBUÍDAS EM LINHAS	NTVEEFP	NTVEEDC	PORCENTAGEM
Zé Leitão	9	14	14	100%
Dona Rosa	9	0	14	0%

Fonte: Pesquisadoras (2025)

Constatamos que Zé Leitão, em comparação com a Dona Rosa, apresentou todas as variantes socialmente desprestigiadas, com uma porcentagem de 100%, em nove linhas de conversação, enquanto a diretora da Casa de Taipa evidenciou em sua fala 0% de variantes sem prestígio. Nesse viés, percebe-se que Dona Rosa apresenta alto grau de escolaridade, o que é perceptível pela sua profissão, diretora da casa de Taipa, assim como se situa em classe socioeconômica privilegiada, sendo evidente pelas suas vestimentas.

Em contrapartida, o prefeito de Poço Fundo, Zé Leitão, demonstra baixo grau de escolaridade, porém, encontra-se em classe social favorecida economicamente, em razão do cargo que ocupa e da forte corrupção realizada por ele e seus vereadores, Paixão e Chica do Pote. No quadro 8, a comparação das variáveis sociais *escolaridade* e *classe socioeconômica* foi realizada com os personagens Charlene, Mona e Jarod, os quais apresentam 3 linhas de conversação:

Quadro 8 - Porcentagem de variantes estigmatizadas na fala de Charlene, Mona e Jarod

PERSONAGEM	TOTAL DE FALAS DISTRIBUÍDAS EM LINHAS	NTVEEFP	NTVEED	PORCENTAGEM
Charlene	3	0	4	0%
Mona	3	4	4	100%
Jarod	3	0	4	0%

Fonte: Pesquisadoras (2025)

Charlene e Jerod, semelhantemente a Dona Rosa, não apresentaram variantes estigmatizadas em suas falas (0%). Todavia, Mona apresentou uma taxa de 100% de formas linguísticas, palavras do PB consideradas um equívoco em âmbito social. Isso evidencia que Charlene e seu noivo Jarod possuem grau de escolaridade elevado, ao contrário de Mona, que apresenta baixo nível de escolarização, assim como se encontra em classe desfavorecida economicamente.

Não obstante, Jerod, interpretado por Wellington Alencar, formado em jornalismo, além de ser escolarizado, em razão de demonstrar domínio sobre as variantes advindas da Língua Portuguesa elitizada, encontra-se inserido nas classes

privilegiadas, sendo o único personagem, por exemplo, a possuir um carro novo de passeio, roupas caras e telefone celular, bens utilizados, na maioria das vezes, por pessoas da elite; indubitavelmente, Charlene, dançarina, noiva de Jerod, mesmo utilizando palavras de prestígio, apresentando, dessa forma, alto nível de escolaridade, faz parte das camadas populares, perceptível pela vida simples que leva.

Na seção 2 deste artigo, intitulada *Variação Linguística, Cinema e Ensino*, ressaltamos, por meio dos estudos de Bortoni-Ricardo (2004, 2021), Coelho *et al.* (2018) e Freitag (2025), as variáveis nível de escolaridade e classe socioeconômica, advindas da variação diastrática. Tais variáveis sociais são indicadas pela fala do usuário da língua, uma vez que, corroborando com Freitag (2025), são lançados estereótipos na fala dos falantes das classes menos abastadas; logo, apresentar variantes distantes da variedade socialmente privilegiada significa que aquele falante é uma pessoa sem estudo, pertencente às camadas pobres do corpo social.

Nesse viés, pelo estereótipo social relacionado à forma de falar do falante, como bem delineia Freitag (2025), constatamos que as personagens Zé Leitão e Mona são as que demonstram uma porcentagem maior de variantes socialmente sem prestígio. Nesse caso, notamos que ambos, principalmente Zé Leitão, tem um baixo nível de escolaridade, pois, durante o longa-metragem, observamos que o prefeito de Poço Fundo não demonstra domínio sobre as formas linguísticas cultas.

Posto isso, como foi descrito no perfil social desses dois personagens, Zé Leitão configura o homem que cresceu economicamente graças ao cargo que ocupa, de prefeito, roubando o povo; enquanto Mona, cantora de forró, mostra baixa escolarização, assim como está inerente às camadas sociais menos abastadas da sociedade. Os demais, Charlene, Jerod e Dona Rosa, não manifestaram em suas falas variantes desprivilegiadas, apontando que os três apresentam alto nível de escolarização.

Nesse viés, com o intuito de contribuir para um ensino inclusivo no que se refere às formas linguísticas utilizadas por alunos pertencentes às camadas populares, assim como a desmistificação de uma língua homogênea, pura, pressuposto utilizado, segundo Bagno (2015), como uma forma de oprimir, dominar e inferiorizar falantes menos favorecidos economicamente, sugerimos ao professor de LP que trabalhe os

trechos explicitados nesta seção, *Resultados e análise dos dados*, extraídos do filme *Ai que Vida!* (2008), de Cícero Filho.

Ao trabalhar os trechos e diálogos enfatizados, o docente de LP abordará dois tipos de variação presentes na língua, a fonético-fonológica e diastrática, tratando, especificamente de conhecimentos relacionados ao som das palavras, ideologia de classes, desigualdade educacional e social, condicionadores sociais relativos à escolarização e classe socioeconômica do indivíduo, preconceito linguístico, a língua como forma de opressão e exclusão, entre outras concepções, essenciais de serem discutidas no que concerne ao desenvolvimento do pensamento crítico do aluno. Portanto, este instrumento pedagógico foi criado para ser utilizado em sala de aula ou servir como base na elaboração de outras ferramentas de ensino, propostas educacionais envolvendo um ensino de variação linguística inclusivo, que faça o estudante refletir sobre a sua própria língua, que constantemente é alvo de estigma, estereotipação e preconceito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, foi realizada uma análise da variação fonético-fonológica em alguns trechos do filme *Ai Que Vida!*, de Cícero Filho. Mediante as análises, obtemos os seguintes resultados: O diálogo do trecho 1, Cena do Discurso Político, fala do personagem Zé Leitão, apresentou todas as variáveis investigadas, a citar: nas variantes *zorde*, *funéra*, *ôto* e outras, verificamos a ocorrência de síncope; em *mãa*, *trabaio*, *véia* e *famía*, identificamos despalatização seguida de iotacismo, entre outras. Todavia, no diálogo do trecho 2, Cena da Conversa no Comício do Zé Leitão, somente na fala de Mona encontramos variantes estigmatizadas, com a variável síncope, nas palavras *benqui*, *ônibu* e *dento*. Não obstante, no último diálogo, trecho 3, Cena da Conversa da Diretora da Casa de Taipa com Valdir e Romeu, não detectamos nenhuma variante desprestigiada no falar de Dona Rosa.

Depreendemos, assim, que as personagens Zé Leitão e Mona possuem baixo nível de escolarização, em razão da quantidade significativa de variantes estigmatizadas localizadas em seus falares, respectivamente 100%. Inversamente, devido a não localizarmos nenhuma palavra sem prestígio nas falas de Jerod,

Charlene e Dona Rosa, com porcentagem de 0%, tais personagens demonstram possuir alto nível de escolaridade.

Concernente à classe social, Mona pertence às camadas populares da sociedade, semelhante à Charlene, que, mesmo apresentando nível de escolarização elevado, notamos, mediante características sociais como vestimentas e profissão, que ela faz parte das classes menos abastadas. O exemplo de Charlene consolida o pensamento de Bagno (2015) no que se refere à concepção equivocada permeada socialmente, de que o domínio das variantes prestigiadas permite aos falantes ascender economicamente. Caso oposto ao da dançarina acontece com Zé Leitão, o qual demonstra baixo nível de escolaridade, mas encontra-se em uma camada social mais elevada do que a de Charlene. Posto isso, percebemos que nem sempre haverá uma relação exata entre os fatores sociais, grau de escolaridade e status socioeconômico. Desse modo, o estudo apresenta contribuições significativas relativas ao ensino de variação linguística, principalmente para o processo de ensino e aprendizagem do estudante da Educação Básica (Ensino Médio), ao possibilitar que ele se sinta incluído nesse processo, visto que sua língua está sendo valorizada, legitimada no seu aprender.

REFERÊNCIAS

AMANCIO, T. O mundo como vontade de representação... no Piauí. **Significação: revista de cultura audiovisual**, São Paulo, v. 39, n. 38, p. 40-53, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6097/609766000004.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2026

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. ed. 56. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português Brasileiro**: a língua que falamos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/8512>. Acesso em: 22 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro Didático – PNLD**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias>. Acesso em: 08 jul. 2025.

COELHO, I. L. *et. al.* **Para conhecer a sociolinguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

COLOMBO, A. A. **Cinema, linguagem e sociedade**. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 4 set. 2012.

DOCUMENTO CURRICULAR DO TERRITÓRIO MARANHENSE – DCMA. **Documento curricular do Território Maranhense**: Ensino Médio. Rio de Janeiro: FGV, 2019. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/wp-content/uploads>. Acesso em: 08 jul. 2025.

DUARTE, R. **Cinema e educação**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2007.

FARIAS, A. C. F. de. **A variação linguística regional nordestina no cinema**: desvendando desafios, desvelando práticas e tecendo voos linguísticos e cinematográficos. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, Imperatriz, 2023.

FREITAG, R. **Variação linguística**: diversidade e cotidiano. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2025.

GUERREIRO, S. C. G. de S. **Avaliação subjetiva e indexação social do alteamento pretônico**. 2023. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MASCARENHAS, S. A. Metodologia, Métodos e Técnicas de pesquisa: Segundo objetivo geral. *In*: _____. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo, SP: Pearson, 2018, p. 45-73.

OLIVEIRA, A. P. W. L. C. de. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Contentus, 2021.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia de (–r) em coda silábica no português paulistano. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 66–95, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/39>. Acesso em: 27 ago. 2026.

PEROVANO, D. G. Metodologia: Tipos de estudo. *In*: _____. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2016, p. 149-249.

SANCHES, R. D.; GONÇALVES, R. M. O rotacismo na fala de amapaenses. **Web Revista Sociodialeto**, [S. l.], v. 10, n. 29, p. 122–140, 2019.

SANTANA, D. N. L.; CARVALHO, D. P. B. de. Preconceito linguístico em sala de aula: reflexões sobre a percepção dos alunos e impactos da abordagem

pedagógica. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 382–400, 2024. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras>. Acesso em: 9 jul. 2025.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUSA, M. D. A. F.; SOUZA, V. R. A. Transcrição e anotação de dados linguísticos usando as ferramentas ELAN e LancsBox. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 1173–1202, 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Sobre os(as) autores(as)

Romilia de Sá Feitosa

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGLe. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA. Pós-graduada em Letras com Ênfase em Linguística - Faculdade FOCUS. Integrante do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão - GELMA. Áreas de interesse: Sociolinguística, com foco na variação linguística do Português Brasileiro.

Dayane Pereira Barroso de Carvalho

Doutora em Linguística e Literatura pelo PPGLIT/UFNT. Mestrado em Letras pelo PPGLe/UEMASUL (2022). Graduação em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela UEMA (2017). Membro do GT de Sociolinguística da Anpoll, do Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA/UEMASUL) e do Grupo de Estudos do Dicionário (GEDI/UFNT). Desenvolveu pesquisa de doutoramento sobre variação terminológica no domínio especializado da Sociolinguística.

Maria da Guia Taveiro Silva

É professora, Associada II, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), da graduação e pós-graduação (Mestrado em Letras / PPGLe). É docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). É mestre em Educação (2007), pela Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Linguística (2012), pela mesma Universidade. Tem experiência na área de Linguística (Sociolinguística), focalizando em Educação e Linguística na formação de professores.

Camila Rodrigues Viana

Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz. Docente do Programa de mestrado em Letras, o PPGLe da UEMASUL. Doutora e Mestra em Letras: Ensino de Línguas e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Experiência profissional na área de Linguagem, Comunicação e Educação. Atuação na área da Linguagem, Discurso, Comunicação e Mídia.